

**AS VISÕES DE JÚLIO CÉSAR E TÁCITO SOBRE O CONSUMO
DE VINHO PELOS POVOS DA GERMÂNIA E DA GÁLIA:
IDENTIDADE E ALTERIDADE ENTRE VÍCIOS E VIRTUDES**

**THE VIEWS OF JULIUS CAESAR AND TACITUS ON THE
CONSUMPTION OF WINE BY THE PEOPLE OF GERMANIA AND
GAUL: IDENTITY AND ALTERITY BETWEEN VICES AND
VIRTUES**

Marina Regis Cavicchioli¹ 0000-0002-9127-559X

¹Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil – cavicchioli.marina@gmail.com

Resumo:

Este artigo examina as inscrições epigráficas e a dedicação de estátuas em Lepcis Magna. O vinho é um ator não-humano que atuava como símbolo comum entre os romanos, assim, sua agência social, operou como representação da identidade romana e foi utilizado para construir e contrastar identidades culturais. Pretendemos examinar o papel do vinho nas obras de Júlio César e Tácito para entender como a bebida foi utilizada para construir e contrastar identidades culturais na Roma antiga. Em *Commentarii de Bello Gallico*, Júlio César usa o vinho como um marcador de civilização, contrastando os hábitos dos gauleses e germânicos com a sofisticação romana e justificando a conquista como uma missão civilizadora. Por outro lado, em *Germania*, Tácito associa o vinho à corrupção moral e decadência da sociedade romana, exaltando a simplicidade e a pureza dos germânicos como virtudes ideais. A análise das descrições e significados do vinho nessas obras revela como a bebida serviu para reforçar estereótipos culturais e morais e para justificar a dominação e a crítica social. O estudo oferece uma perspectiva sobre as interações culturais romanas e o papel do vinho na construção e crítica de ideais sociais e culturais.

Palavras-chave: vinho; vícios e virtudes; identidade e alteridade; Júlio César; Tácito.

Abstract:

Wine is a non-human actor that served as a common symbol among the Romans. Its social agency operated as a representation of Roman identity and was used to construct and contrast cultural identities. We examine the role of wine in the works of Julius Caesar and Tacitus to understand how the beverage was employed to build and contrast cultural identities in ancient Rome. In *Commentarii de Bello Gallico*, Julius Caesar uses wine as a marker of civilization, contrasting the customs of the Gauls and Germans with Roman

sophistication and justifying conquest as a civilizing mission. On the other hand, in *Germania*, Tacitus associates wine with moral corruption and the decadence of Roman society, extolling the simplicity and purity of the Germans as ideal virtues. The analysis of the descriptions and meanings of wine in these works reveals how the beverage served to reinforce cultural and moral stereotypes and to justify domination and social criticism. The study provides a perspective on Roman cultural interactions and the role of wine in shaping and critiquing social and cultural ideals.

Keywords: wine; vices and virtues; identity and otherness; Julius Caesar; Tacitus.

Considerações iniciais

O vinho era para os romanos um importante fator de identidade. Desde sua produção até seu consumo, o vinho é o ator não-humano que opera nas relações sociais, econômicas e, sobretudo, culturais (CAVICCHIOLI, 2018, p. 513). Desse modo, esses elementos produziram memória cultural e social, além de valores e ações políticas em torno do vinho e dos hábitos e tecnologias envolvidas na produção, comércio e consumo da bebida.

Adicionalmente a isso, o vinho também estava intrinsecamente ligado a rituais religiosos como parte essencial da ortopraxia das religiões romanas, assumindo o protagonismo em inúmeras ocasiões. Exemplos a respeito são amplamente encontrados, como durante as libações, durante os sacrifícios, durante os funerais e *februalia*, durante a *bacanal*, *saturnalia*, *vinalia*, *metritinalia* e *compitalia*. Todavia, entre os autores romanos, o consumo em excesso do vinho poderia levar a degeneração física e moral, de modo a corromper a moralidade, a razão e a dignidade. Tal afirmação pode ser encontrada, por exemplo, em Sêneca, que alegou que a embriaguez remove a vergonha que impede a fala e permite que tudo de ruim venha à tona (SEN. Ep. 10, 83, 20).

O vinho, uma bebida que desempenha um papel central na cultura romana, é mais do que um simples líquido; é um símbolo carregado de significados culturais e morais que transcende as fronteiras da Roma antiga. Nas obras literárias de dois dos mais influentes autores romanos, Júlio César e Tácito, o vinho emerge como um poderoso elemento de construção cultural e identidade. As representações do vinho nessas obras não apenas refletem as atitudes e valores romanos, mas também ajudam a moldar e contrastar as identidades dos povos "bárbaros" com quem os romanos interagiram.

Júlio César, em seus *Commentarii de Bello Gallico*, utiliza o vinho como um marcador distintivo para exaltar a civilização romana e justificar a conquista das terras

As visões de Júlio César e Tácito sobre o consumo de vinho pelos povos da Germânia e da Gália: identidade e alteridade entre vícios e virtudes

Marina Regis Cavicchioli

gaulesas. Para César, o consumo desregrado ou a ausência de vinho entre os gauleses e germânicos serve para realçar as diferenças culturais e justificar a dominação romana como uma missão civilizadora. O vinho torna-se um símbolo da sofisticação e da ordem social romana, contrastando com os hábitos "rudimentares" dos povos conquistados.

Por outro lado, Tácito, em sua *Germania*, adota uma perspectiva crítica em relação ao consumo de vinho, associando-o à corrupção e decadência moral da civilização romana. Para Tácito, a simplicidade e a pureza dos germânicos são exaltadas como virtudes, e o vinho é visto como um agente de degeneração que ameaça essas qualidades. Através dessa lente, Tácito utiliza o vinho não apenas para criticar os vícios da sociedade romana, mas também para idealizar a vida primitiva dos germânicos.

Desse modo, se as conquistas romanas trouxeram comparações entre os romanos e os bárbaros em suas atitudes militares, a trouxeram também em suas atitudes em relação a contenção ou consumo exagerado de vinho. Nessa tentativa de diferenciação do outro e busca da própria identidade, o vinho serviu como agente revelador de vícios e virtudes. Assim, beber vinho, as formas de fazê-lo e o controle da embriaguez, representam para os romanos uma forma de distinção entre eles e os bárbaros, e ainda, uma forma de diferenciar os diversos tipos de bárbaros, como nos atestam as fontes romanas.

Este artigo se propõe a analisar como o vinho é representado nas obras de Júlio César e Tácito, e como essas representações servem para construir e contrastar identidades culturais. Através da análise das descrições do vinho e seus significados simbólicos, buscamos entender como essas narrativas literárias refletem e reforçam as atitudes culturais, morais e políticas da Roma antiga. O objetivo é explorar como o vinho, enquanto agente social, desempenha um papel crucial na construção de estereótipos e na justificação de ideais culturais e sociais na literatura romana.

Contextualização das obras

Sob o argumento de que era necessário preservar as províncias e proteger seus aliados dos movimentos migratórios de povos gauleses e germânicos, Caio Júlio César organizou incursões sistemáticas contra os povos da Gália e da Germânia. Um registro dessa campanha foi produzido por Júlio César e chegou até nós por meio da obra *De Bello Gallico*. Esta obra, composta por sete livros, narra as campanhas militares de César na

As visões de Júlio César e Tácito sobre o consumo de vinho pelos povos da Germânia e da Gália: identidade e alteridade entre vícios e virtudes

Marina Regis Cavicchioli

Gália, desde o início em 58 a.C. até a vitória sobre a revolta liderada por Vercingetórix em 52 a.C.

Em *De Bello Gallico*, César defendeu continuamente a legitimidade de suas ações, amparando-se nas leis romanas, ainda que as levasse aos seus limites (CITRONI et al, 2006, p. 337). Embora conhecida pelo título *Commentarii de Bello Gallico*,¹ esse nome foi acrescido à obra posteriormente. A primeira edição impressa, de 1469, tinha o título: “*Caesaris Commentarii. Item Auli Hirtii, aut Oppii, libri de bello Alexandrino, de bello Africo et de bello Hispano.*”² A edição de Veneza, de 1471, foi intitulada de “*Caesaris Commentario de Bello Gallico*”³, possivelmente influenciada pela obra “*De Bello Alexandrino.*”⁴ Contudo, os manuscritos, por exemplo, carregam o título “*Libri Gaii Caesaris Belli Gallici de narratione temporum.*”⁵ Além disso, nas notas finais dos manuscritos, a obra recebe outras denominações (CONSTANS, 2016, p. 5). Por exemplo, nos manuscritos da classe α , a obra é denominada “*C. Caesaris pont. max. ephimeris rerum gestarum Belli Gallici liber VIII explicit feliciter,*”⁶ enquanto nos manuscritos de classe β , a obra é referida como “*Hirci Pansae rerum gestarum Gelli Gallici Gai Iulii Caesaris pont. max. lib. VIII explicit feliciter.*”⁷

Citroni et al sugerem que essas denominações foram usadas para diferenciar os *commentarii* sobre a Guerra Civil, *De Bello Ciuili* (CITRONI et al., 2006, p. 335). No entanto, as notas presentes nos manuscritos ainda conservam indícios do título original da obra, que podem ser corroborados pelos testemunhos de dois autores contemporâneos de Cesar. Cícero, em *Brutus*, menciona “*etiam commentarios quosdam scripsit rerum suarum.*” (Cic. *Brut.* 75, 262).⁸ Aulus Hirtius, por sua vez, referiu-se à obra como

¹ “Relatos sobre a Guerra da Galia” (tradução nossa).

² “Comentários de César. Também os livros de Aulo Hirtius, ou de Oppius, sobre a guerra Alexandrina, a Guerra Africana e a Guerra Hispânica” (tradução nossa).

³ “Relatos de César sobre a Guerra das Gálias” (tradução nossa).

⁴ Sobre a Guerra Alexandrina (tradução nossa).

⁵ “Livros de Caio Júlio César sobre a Guerra das Gálias acerca da narração dos tempos” (Tradução nossa).

⁶ “Oitavo livro das efemérides dos feitos da Guerra das Gálias de C. César, sumo pontífice, termina com êxito” (tradução nossa). Segundo Constans a palavra “*ephimeris*” é uma tradução inexata do grego “*ἐφημερίς*” da palavra latina “*Commentarii*”. (CONSTANS, 2016, p. 5). Considerando a tradução equivocada da palavra *commentarii*, podemos sugerir que o título adequado seria “O oitavo livros dos relatos de C. César, sumo pontífice, dos feitos da Guerra das Gálias termina com êxito” (tradução nossa).

⁷ “Oitavo livro dos feitos da Guerra das Gálias de Caio Júlio César, sumo pontífice, por Hirtius Pansa, termina com êxito” (tradução nossa). Hirtius Pansa, conhecido como Aulus Hirtius, foi um legado, partidário e amigo pessoal de César, colaborador e autor do livro VIII de *De Bello Gallico*.

⁸ “Ele também escreveu alguns comentários sobre seus feitos” (tradução nossa).

As visões de Júlio César e Tácito sobre o consumo de vinho pelos povos da Germânia e da Gália: identidade e alteridade entre vícios e virtudes

Marina Regis Cavicchioli

“*Caesaris nostri commentarios rerum gestarum Galliae*” (Caes. Gal. 8, 1)⁹ Adicionalmente, Suetônio posteriormente se refere à obra como “*reliquit et rerum suarum commentarios Gallici ciuilibus belli pompeiani*.”¹⁰ Isso corrobora parcialmente com a sugestão de Citroni et al., que propõem que o título dos *commentarii* poderia ter sido “*C. Iulii Caesaris Commentarii rerum gestarum*”¹¹ (CITRONI et al., 2006, p. 335). Porém, Constans faz uma sugestão mais elaborada e adiciona o seguinte subtítulo à obra: “*Bellum Gallicum*” ou “*Belli Gallici*” (CONSTANS, 2016, p. 6.)

A obra, escrita provavelmente em 52 AEC. (CITRONI et al., 2016, p. 336; CONSTANS, 2019, p. 10) é composta por relatos breves sobre os acontecimentos ocorridos no entorno dos eventos e tinha como objetivo declarado fornecer fontes primárias para futuros historiadores (CONSTANS, 2019, p. 7). Contudo, a obra também visava preparar a opinião pública para uma segunda candidatura de César ao consulado, respondendo aos rumores sobre sua campanha na Gália espalhados por seus opositores entre os romanos e auxiliar na sua eleição para o consulado, em 49 AEC. (CITRONI et al., 2016, p. 336). Com esses objetivos, a obra foi ornada por César e também recebeu silenciamentos e omissões oportunas para favorecerem o general.

Contudo, César não foi o único autor a produzir documentações sobre suas campanhas. Ele utilizou como fontes os relatórios do procônsul, os relatórios de seus tenentes, além de suas próprias notas e memórias. Embora toda essa documentação possa conter imprecisões, sejam elas voluntárias ou involuntárias, ela possui um grande valor. A manipulação completa dos relatos estaria sujeita a contradições quando confrontada com outras documentações enviadas ao Senado. Além disso, muitos senadores que tinham legiões na Gália escreviam com frequência para familiares e amigos em Roma. Um exemplo notável é Quintus, o irmão de Cícero, que mantinha correspondência regular com ele (GOLDSWORTHY, 2016, p. 245).

Além disso, apesar de César ter distorcido alguns temas, como as verdadeiras causas da guerra, sua ambição e o enriquecimento pessoal durante as campanhas, ele não tentou omitir completamente outras questões, como as brutalidades da conquista (CONSTANS, 2016, p. 15). Portanto, mesmo considerando os silenciamentos e as

⁹ “Os comentários de nosso César sobre os feitos na Gália” (tradução nossa).

¹⁰ “Deixou também comentários sobre seus feitos da Guerra das Gálias e da Guerra Civil Pompeiana” (tradução nossa).

¹¹ Relatos sobre os feitos de Caio Júlio César.

As visões de Júlio César e Tácito sobre o consumo de vinho pelos povos da Germânia e da Gália: identidade e alteridade entre vícios e virtudes

Marina Regis Cavicchioli

distorções intencionais de César, a importância da sua obra não deve ser subestimada. Sua narrativa oferece um relato significativo, além de ser um importante documento histórico.

Os *excursi* etnográficos presentes no *De Bello Gallico* relatam aspectos culturais dos gauleses e dos germânicos, apelando ao fascínio do público pela literatura etnográfica e “tocando à imaginação de um público culto, sensível ao fascínio do exótico e do desconhecido” (CITRONI, 2006, p. 337). César inicia seus relatos etnográficos com o objetivo de distinguir entre os germânicos e os gauleses: “Chegando a este ponto, não parece fora de propósito descrever os costumes da Gália e da Germânia e expor em que essas nações diferem entre si” (Caes. *Gal.* 6, 11).

A Germânia, de Tácito, por sua vez, embora tenha sido escrita no final do século I EC., quando as preocupações na Germânia estavam situadas na região do Danúbio, se volta sobretudo aos povos do Reno. Esse fato sugere que Tácito se baseou em diversas fontes anteriores, como no livro CIV de Plínio, o velho, que não chegou até nós. Vale ressaltar que a carreira militar de Plínio se desenvolveu na Germânia, na região do Reno (CITRONI, 2006, p. 917; Perret, 1967, p. 11-13). Além de Plínio, Tácito consultou obras de César, Tito Lívio, as obras geográficas de Posidônio, o livro III das *Historiae* de Salústio (também perdido), Estrabão e Pompônio Mela para compor A Germânia (PERRET, 1967, p. 14-15). Tácito também se insere em uma tradição de literatura etnográfica que inclui autores como Homero, Hecateu, Heródoto, Teopompo e Posidônio. Desse modo, ele recebeu influências teóricas, como a que relaciona os povos aos solos que ocupam e a que vincula o biotipo e a psicologia dos povos às características do solo (PERRET, 1967, p. 16).

Além disso, uma teoria relevante em Tácito, que será explorada mais adiante, é a que relaciona uma suposta superioridade do estado de natureza às antigas concepções sobre a Idade de Ouro e a corrupção progressiva da humanidade, teoria que mais tarde se sofisticou e ganhou autoridade através do naturalismo estoico (PERRET, 1967, p. 17-18). Apesar dessas teorias adotadas por Tácito, encontramos correspondências entre os relatos de Tácito e descobertas arqueológicas, como os detalhes relacionados à habitação, vestuários, e aspectos relativos à vida cotidiana e à vida militar. Assim, podemos dizer que os relatos de Tácito possuem validade documental (PERRET, 1967, p. 25-26). No entanto, ao interpretar os hábitos dos germânicos, Tácito cometeu inúmeros equívocos e

As visões de Júlio César e Tácito sobre o consumo de vinho pelos povos da Germânia e da Gália: identidade e alteridade entre vícios e virtudes

Marina Regis Cavicchioli

generalizações, apresentando todos os germânicos como um povo idealizado, livre de vícios e heróis da simplicidade (PERRET, 1967, p. 26-30).

A obra é estruturada em várias seções: começa com uma introdução sobre a terra e o povo germânico, nos capítulos 1 a 5. Em seguida, aborda os costumes comuns a todos os germânicos, entre os capítulos 6 e 27. A partir dos capítulos 28 a 45, Tácito examina as particularidades de cada povo germânico e conclui discutindo os limites da Germânia com o desconhecido no capítulo 46. As duas partes principais da obra, que abrangem os capítulos 6 a 45, são divididas em duas seções. A primeira seção é subdividida entre vida pública, nos capítulos 6 a 15, e vida privada, nos capítulos 16 a 27. A segunda seção é dividida entre os povos não-suevos, nos capítulos 28 a 36, e os povos suevos, nos capítulos 37 a 45 (PERRET, 1967, p. 37).

O vinho em *De Bello Gallico*

Ao descrever a sociedade gaulesa, César destaca semelhanças entre a sociedade romana e os gauleses, como a organização clientelar, aspectos religiosos e a dependência da plebe em relação à aristocracia local, além de vários elementos da religião. Algumas semelhanças são enfatizadas quando isoladas e descritas, enquanto outras, por serem comuns e ordinárias, são omitidas na comparação, ganhando destaque pela sua ausência.

O vinho é mencionado nos *Commentarii* em duas ocasiões. No livro II, capítulo 15, ao descrever os Suevos, César relata:

A investigação que César fez sobre o caráter e os costumes desse povo forneceu as seguintes informações: os comerciantes não tinham acesso a eles; não permitiam que se introduzisse vinho ou qualquer outro produto de luxo entre eles, considerando que isso amolecia suas almas e enfraquecia seu ânimo; eram homens rudes e de grande valor militar; acusavam os outros Belgas de graves críticas por terem se submetido a Roma e de terem perdido a virtude de seus ancestrais; afirmavam que, quanto a eles, não enviariam delegados nem aceitariam qualquer proposta de paz. (Caes. Gal. 2, 15).¹²

¹² *quorum de natura moribusque Caesar cum quaereret, sic reperiebat :nullum esse aditum ad eos mercatoribus; nihil pati vini reliquarumque rerum ad luxuriam pertinentium inferri, quod his rebus relanguescere animos eorum et remitti virtutem existimarent; esse homines feros magnaetque virtutis; increpitare atque incusare reliquos Belgas, qui se populo Romano dedidissent patriamque virtutem proiecissent; confirmare sese neque legatos missuros neque ullam condicionem pacis accepturos. (Caes. Gal. 2, 15).*

As visões de Júlio César e Tácito sobre o consumo de vinho pelos povos da Germânia e da Gália: identidade e alteridade entre vícios e virtudes

Marina Regis Cavicchioli

O comentário de César apresenta duas observações principais: primeiro, ele menciona os nervianos, que proibiam a presença de mercadores e a introdução de vinho e outros produtos de luxo, sob o pretexto de que isso enfraqueceria a moral e o ânimo dos guerreiros. Por outro lado, César relata a crítica dos nervianos aos belgas por terem se submetido a Roma, considerando que eles haviam abandonado as virtudes dos seus ancestrais. É razoável supor que o consumo de vinho possa estar implícito na crítica ao abandono das virtudes ancestrais.

Após relatar as razões para a travessia do Reno pelos usipetes e tencetés, que fugiram devido à guerra promovida pelos suevos, César descreve os suevos como um povo beligerante que enviava mil homens por ano para as guerras externas. Em seguida, César inicia um relato etnográfico sobre os suevos, descrevendo-os como um povo que não ocupava o mesmo território por mais de um ano e que mantinha uma dieta baseada em leite e carne, com pouca ênfase no trigo (Caes. Gal. 4, 1). César considera que os hábitos dos suevos eram austeros e vigorosos, o que, para ele, explicava o tamanho e força desse povo.

César então compara os costumes dos germânicos aos dos gauleses:

Eles permitem o acesso dos mercadores em suas terras, mais para vender o saque de guerra do que por necessidade de importações. Os germânicos nem sequer importam cavalos, que são a grande paixão dos gauleses e que adquirem a qualquer preço; eles se contentam com os cavalos indígenas, que são pequenos e feios, mas que se tornam extremamente resistentes devido ao treinamento diário. Nos combates de cavalaria, muitas vezes eles pulam de suas montarias e lutam a pé; os cavalos foram treinados para permanecer no lugar, e eles rapidamente os reencontram quando necessário; para eles, não há nada mais vergonhoso do que usar selas. Assim, eles não hesitam em atacar, mesmo sendo poucos, qualquer grupo de cavalaria cujos cavalos estejam selados. Eles proíbem absolutamente a importação de vinho, porque acreditam que essa bebida diminui a resistência e a coragem do homem. (Caes. Gal. 4, 2).¹³

¹³ *Mercatoribus est aditus magis eo ut quae bello ceperint quibus vendant habeant, quam quo ullam rem ad se importari desiderent. Quin etiam iumentis, quibus maxime Galli delectantur quaeque impenso parant pretio, Germani importatis non utuntur, sed quae sunt apud eos nata, parva atque deformia, haec cotidiana exercitatione summi ut sint laboris efficiunt. Equestribus proeliis saepe ex equis desiliunt ac pedibus proeliantur, equos eodem remanere vestigio adsuefecerunt, ad quos se celeriter, cum usus est, recipiunt: neque eorum moribus turpius quicquam aut inertius habetur quam ephippiis uti. Itaque ad quemvis numerum ephippiatorum equitum quamvis pauci adire audent. Vinum omnino ad se importari non patiuntur, quod ea re ad laborem ferendum remollescere homines atque effeminari arbitrantur. (Caes. Gal. 4, 2).*

As visões de Júlio César e Tácito sobre o consumo de vinho pelos povos da Germânia e da Gália: identidade e alteridade entre vícios e virtudes

Marina Regis Cavicchioli

Durante essa comparação, César argumenta que os germânicos viam o uso de selas como um sinal de frouxidão e proibiam a importação de vinho, acreditando que ele enfraqueceria a resistência e a coragem. Assim, a sela pode ser apresentada como um item de luxo, enquanto o vinho é descrito como um agente de degeneração e degradação.

O vinho em Germânia

Já Tácito mostra que os longos banquetes e o consumo de bebidas alcoólicas eram comuns entre os germânicos e não eram considerados uma desonra. Ele relata que o consumo de bebidas alcoólicas estava integrado à vida social e política dos germânicos, sendo uma ferramenta para resolver disputas e negociar questões importantes.

Passar o dia e a noite bebendo não é vergonha para nenhum deles. As duras brigas entre bêbados, raramente com gritarias, terminam geralmente em derramamento de sangue e ferimentos. No entanto, quase sempre deliberam nesses banquetes sobre a reconciliação recíproca de inimigos, a formação de alianças, a eleição de chefes e até mesmo a paz e a guerra, como se em nenhum outro momento o espírito estivesse mais aberto a simples reflexões ou se aquecesse mais para as grandes. O povo, que não é astucioso nem sagas, expõe os, até então, segredos do coração pela licença da circunstância; portanto, a mente de todos está descoberta e nua. No dia seguinte, a argumentação é retomada, sem prejuízo de um ou outro momento: deliberam quando não conseguem fingir e decidem quando não podem duvidar. (Tac. *Ger.* 22, 2).¹⁴

É notável que, embora o relato de Tácito mostre que o consumo de bebidas alcoólicas exacerbava conflitos, ele também argumenta que a bebida facilitava a franqueza dos pensamentos, revelando os segredos e intenções dos indivíduos. Assim, os germânicos, aos olhos de Tácito, teriam uma comunicação mais sincera durante as discussões e deliberações. Além disso, as decisões e negociações eram retomadas e revisadas após o período de embriaguez, para garantir que fossem respeitados os momentos mais adequados para discussões racionais. Portanto, a bebida aparece como um meio para estimular a abertura e a sinceridade, mesmo com os riscos de conflitos violentos associados a ela.

¹⁴ *Diem noctemque continuare potando nulli probrum. Crebrae, ut inter vinolentos, rixae raro conviciis, saepius caede et vulneribus transiguntur. Sed et de reconciliandis in vicem inimicis et iungendis adfinitatibus et adsciscendis principibus, de pace denique ac bello plerumque in conviviis consultant, tamquam nullo magis tempore aut ad simplices cogitationes pateat animus aut ad magnas incalescat. Gens non astuta nec callida aperit adhuc secreta pectoris licentia ioci; ergo detecta et nuda omnium mens. Postera die retractatur, et salva utriusque temporis ratio est: deliberant, dum fingere nesciunt, constituunt, dum errare non possunt.* (Tac. *Germ.* 22, 2).

As visões de Júlio César e Tácito sobre o consumo de vinho pelos povos da Germânia e da Gália: identidade e alteridade entre vícios e virtudes

Marina Regis Cavicchioli

Em outro momento, Tácito descreve uma bebida fermentada feita de cevada ou trigo, a cerveja. Ele a apresenta como uma espécie de substituto rudimentar do vinho, uma bebida semelhante ao vinho, mas feita com ingredientes locais e métodos simples. A alimentação dos germânicos também é descrita como simples, composta principalmente de frutas silvestres, carne fresca e leite coalhado, sem processos de preparação elaborados ou sofisticados.

Quanto à bebida, eles usam um líquido feito de cevada ou trigo, que, devido à fermentação, é um pouco parecido com o vinho; os que vivem mais perto da costa também compram vinho. A alimentação é simples, composta de frutas silvestres, carne fresca ou leite coalhado; sem temperos ou refinamentos, eles combatem a fome. Em relação à sede, a abordagem é diferente: se você incentivar a embriaguez deles dando-lhes bebida em abundância, eles não serão menos vencidos pelos vícios do que pelas armas. (*Tac. Ger.* 23, 1).¹⁵

A citação sugere que os germânicos próximos à costa tinham acesso ao vinho e o compravam, indicando que a cerveja não era a única bebida consumida em toda a Germânia. No entanto, Tácito aponta que o vício da embriaguez pode ser uma forma eficaz de enfraquecer e derrotar os germânicos, comparável ao efeito da força militar. Ele sugere que, se incentivados a beber em excesso, os germânicos poderiam ser derrotados de forma análoga à vitória obtida por meio das armas.

Motivações dos autores romanos

A superioridade cultural romana é um tema central nos relatos de Júlio César, e o vinho emerge como um símbolo poderoso de diferença cultural e moral. Entre os romanos, o vinho era associado à sofisticação e à civilidade. A moderação no consumo de vinho e sua presença em banquetes sofisticados, como um bom vinho de falerno em uma refeição em um belo triclinio, conferiam dignidade e status. Dessa forma, o vinho, contrastado com os hábitos "rudimentares" dos germânicos e gauleses, pode ter sido utilizado para exaltar uma suposta superioridade da cultura romana em relação às "culturas bárbaras".

¹⁵ *Potui umor ex hordeo aut frumento, in quandam similitudinem vini corruptus: proximi ripae et vinum mercantur. Cibi simplices, agrestia poma, recens fera aut lac concretum: sine apparatu, sine blandimentis expellunt famem. Adversus sitim non eadem temperantia. Si indulseris ebrietati suggerendo quantum concupiscunt, haud minus facile vitiis quam armis vincentur.* (*Tac. Ger.* 23, 1).

As visões de Júlio César e Tácito sobre o consumo de vinho pelos povos da Germânia e da Gália: identidade e alteridade entre vícios e virtudes

Marina Regis Cavicchioli

César projetou as normas culturais e morais romanas sobre os gauleses e germânicos para criar estereótipos negativos desses povos. Esse processo também pode ter sido realizado por outros senadores romanos com legiões na Gália, cujas correspondências com o Senado ajudavam a justificar a dominação romana. A presença ou ausência do vinho pode ter sido usada para justificar a conquista e a colonização como uma forma de "civilizar" esses povos. Assim, o vinho atuou não apenas como uma bebida, mas como um símbolo carregado de significados culturais e morais que contribuíram para construir e reforçar as assimetrias sociais e políticas.

Tácito, por sua vez, escreve sob a ótica da excelência do estado de natureza, em que a civilização é vista como sinônimo de corrupção e apodrecimento moral. A rudeza e o primitivismo dos germânicos são, portanto, apresentados como virtudes de um povo que não conhece nem a usura (TAC. Germ. 26, 1) nem o luxo funerário (TAC. Germ. 27, 1). Em vez de retratar os germânicos como bárbaros, Tácito os admira através de um retrato idealizado.

Assim, para Tácito, o vinho atua como um elemento corruptor que pode levar os povos à decadência, à derrota e à indignidade. O consumo do vinho poderia introduzir um vício que destruiria um povo heroico, descrito como os heróis da simplicidade, fiéis, livres de vícios e que desdenhavam dos enfeites e das comodidades da civilização. Dessa forma, Tácito não apenas exalta as virtudes germânicas, mas também critica os vícios dos romanos, contrastando os vícios da civilização romana com as virtudes idealizadas dos germânicos.

Considerações Finais

A agência social do vinho, em suas diversas representações na literatura romana, emerge como um símbolo multifacetado que reflete e reforça atitudes culturais, morais e políticas dos autores antigos, como Júlio César e Tácito. A análise das obras de César e Tácito revela como o consumo de vinho servia para construir e contrastar a identidade cultural romana em relação aos povos "bárbaros", como os gauleses e germânicos.

Para Júlio César, o vinho é um emblema da civilização romana, marcando a sofisticação e a ordem social. César utiliza a descrição do consumo desregrado de vinho, ou sua ausência, entre os outros povos para acentuar as diferenças em relação à civilização

As visões de Júlio César e Tácito sobre o consumo de vinho pelos povos da Germânia e da Gália: identidade e alteridade entre vícios e virtudes

Marina Regis Cavicchioli

romana, justificando assim a dominação e a conquista. A partir dessa perspectiva, o vinho não é apenas uma bebida, mas um elemento material que evidencia a superioridade moral e cultural dos romanos sobre os outros.

Em contraste, Tácito apresenta o vinho sob uma luz negativa, associando-o à corrupção e decadência moral. Para Tácito, o consumo excessivo de vinho reflete a moralidade degradada da civilização romana, enquanto a simplicidade e a pureza dos germânicos são exaltadas como virtudes. Nesse contexto, o vinho torna-se um agente de perda de virtude e degeneração cultural, contrastando com a idealização da vida primitiva e desprovida dos vícios da civilização.

Assim, César utiliza o vinho para legitimar a conquista e o controle romano, projetando as normas culturais romanas sobre os povos conquistados. Por sua vez, Tácito usa o vinho para criticar a corrupção interna da sociedade romana, idealizando os valores e a simplicidade dos povos germânicos.

Essas narrativas demonstram como o vinho, enquanto agente social, desempenhou um papel crucial na construção de estereótipos e na justificativa de críticas sociais e políticas imperialistas. Através do vinho, é possível entender melhor como os romanos viam a si mesmos e aos outros, e como esses autores usaram o vinho para construir e criticar ideais culturais e morais.

Em última análise, a análise do consumo de vinho nas obras de César e Tácito oferece uma perspectiva rica sobre as interações culturais, evidenciando como o vinho, em sua simplicidade e complexidade, atuou como um poderoso veículo para explorar e afirmar valores culturais e sociais no mundo antigo

Fontes Primárias:

CAESAR. *Commentarii de Bello Gallico*. 2, 15.

CAESAR. *Commentarii de Bello Gallico*. 4, 1.

CAESAR. *Commentarii de Bello Gallico*. 6, 11.

CAESAR. *Commentarii de Bello Gallico*. 8, 1.

CICERO. *Brutus*. 75, 262

SENECA. *Epistulae Morales ad Lucilium*. 10, 83, 20.

TACITUS. *Germania*. 22, 22

TACITUS. *Germania*. 23, 1.

Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino

ISSN 2595-6361

vol. 7, n. 13, 2024, páginas 96 - 108

As visões de Júlio César e Tácito sobre o consumo de vinho pelos povos da Germânia e da Gália: identidade e alteridade entre vícios e virtudes

Marina Regis Cavicchioli

TACITUS. Germania. 26, 1.

TACITUS. Germania. 27, 1.

Referências

CAVICCHIOLI, M. Vinho: um patrimônio cultural da humanidade. in: Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v. 3, n. 1, Março, 2018. p.506-522.

CITRONI, M. Et Alii. Literatura da Roma Antiga. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 2006.

CONSTANS, L.-A. Introduction. in: CÉSAR. Guerres des Gaules. Paris: Les Belles Lettres, 2016. pp. 5-33.

GOLDSWORTHY, Adrian. Em Nome de Roma: os conquistadores que formaram o Império Romano. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.

JULIUS Caesar. A Guerra das Gálias. Lisboa: Edições Sílabo, 2004.

PERRET, J. Introduction. In: TACITE. La Germanie. Paris: Les Belles Lettres, 1967. pp. 5-69.

SÉNÈQUE. Oeuvres completes. Paris, 1861.

Informações dos autores

Marina Regis Cavicchioli. Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Bahia. Líder do grupo de pesquisa CMAC-Cultura Material, Antiguidade e Cotidiano.

Contribuição de autoria: autora.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1092724935050692>

COMO CITAR ESTE ARTIGO

CAVICCHIOLI, Marina Regis. As visões de Júlio César e Tácito sobre o consumo de vinho pelos povos da Germânia e da Gália: identidade e alteridade entre vícios e virtudes.

Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino, Caetité, vol. 7, n. 13, 2024, p. 96-108.